

História da Arte: vanguardas e Arte Contemporânea



- ✓ Arte Moderna
- ✓ As vanguardas artísticas
- ✓ O modernismo no Brasil
- ✓ Arte Contemporânea



“

A técnica é o resultado de uma necessidade. Novas necessidades exigem novas técnicas.

Jackson Pollock
(1912-1956)

”

A Arte Moderna

O que hoje, pelo senso comum, denomina-se “moderno”, significando o que há de mais novo e atual, ao contexto da História da Arte não se aplica. Chamamos de Arte Moderna um desdobramento histórico com características específicas, que nasceu na Europa em meados do século XIX e entrou em crise a partir da década de 1950.

Como vimos no fascículo anterior, as sementes do Modernismo foram plantadas a partir do século XVIII, após a Revolução Francesa, com novas correntes filosóficas e a crescente autonomia do artista, que aos poucos se desvincilhou das temáticas convencionais.

A partir de então, a arte gradativamente se afastou dos cânones renascentistas que ainda persistiam, distanciando-se do compromisso com uma representação naturalista do mundo real. Os artistas modernos tinham interesse em criar um mundo distinto, existente na própria materialidade da arte.

Para tanto, o papel da fotografia, inventada na década de 1820, foi determinante, pois já não havia mais a necessidade de representar o mundo real por meio de técnicas artísticas manuais, visto que a imagem fotográfica passou a suprir tão bem e fidedignamente essa função.

O autor do livro *Alice no País das Maravilhas*, Lewis Carroll (1832-1898), também foi fotógrafo e registrou o cotidiano de sua classe social nessa época, além de fotografar a menina que inspirou sua história mais famosa, Alice Liddell, então com 10 anos de idade. O livro faz parte do acervo literário IBS.



Para saber mais sobre a História da Fotografia, para além da leitura complementar sobre o tema e sua influência nas artes, converse com quem fez o curso de Educomunicação do IBS!

A arte estava livre para afirmar suas próprias realidades, que se revelavam na concretude do próprio objeto artístico – o plano da tela (sem os subterfúgios da perspectiva), a marca das pinceladas, o volume da tinta, as qualidades da cor, o gesto do artista transparecendo na obra, a expressão exacerbada, a textura etc.

No processo de depuração das regras acadêmicas e de validação temática de seus próprios elementos constitutivos, a arte rumou naturalmente para novas experimentações e até mesmo para a abstração, abrindo mão de qualquer imagem ilustrativa.



Com todas essas transformações, o grande leque da Arte Moderna abrigou uma série de movimentos artísticos de ruptura com a tradição artística acadêmica, cada um com suas peculiaridades, dinâmicas e visualidades.

Tendo seus nomes lançados pela imprensa crítica, acidentalmente, ou batizados em manifestos, esses movimentos tinham algo em comum: a persistência em buscar o novo, por meio da experimentação estética com fim em si mesma.

A seguir, vamos conhecer algumas das mais destacadas vanguardas artísticas que compuseram a Arte Moderna.

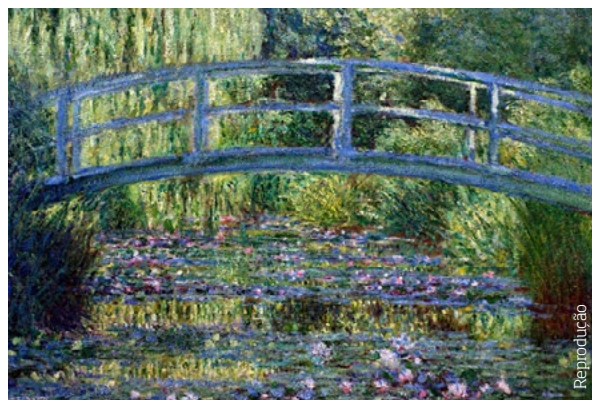
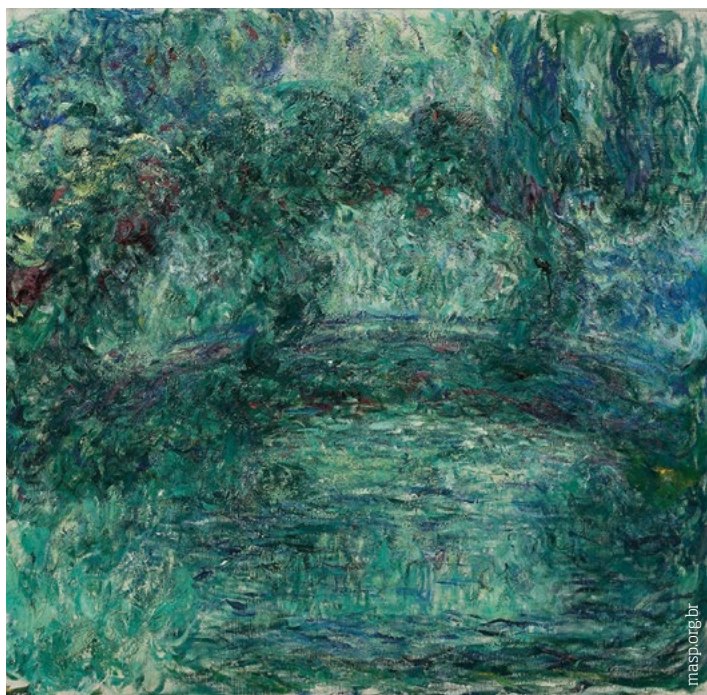
Impressionismo

Pintura ao ar livre por excelência, o Impressionismo é fruto das intensas experimentações ocorridas no período moderno, e seu foco recai sobre a ação da luz sobre os temas que, agora, buscavam a fugacidade de momentos cotidianos e não mais as temáticas históricas, mitológicas e religiosas.

Os motivos eram apreciados não mais em sua idealização sedimentada, concretizada nas telas de forma acadêmica, mas animados dinamicamente pelas percepções visuais impactadas pela luz natural em diversos momentos do dia. Os artistas impressionistas empreenderam uma

rigorosa pesquisa sobre o fenômeno da experiência visual como momento primeiro e essencial da relação entre sujeito e natureza.

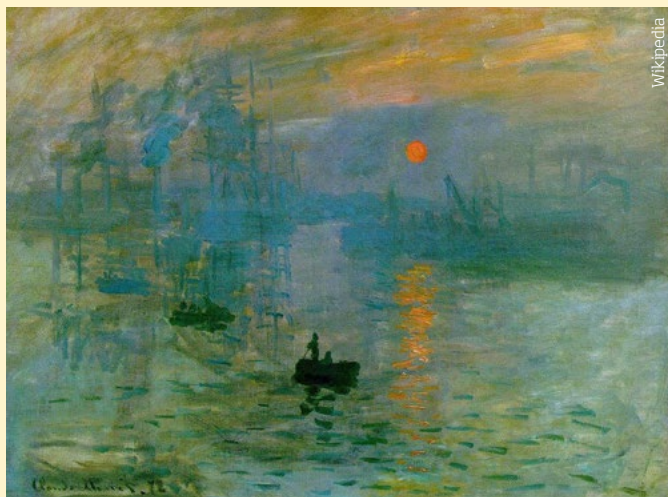
Para isso, os artistas impressionistas abriram mão de contornos marcados e rígidos, privilegiando manchas em pinceladas soltas e marcantes, além de explorar a mistura de cores diretamente na tela, provocando um efeito óptico com o qual os olhos do próprio observador completam a imagem pintada. As sombras, luminosas e coloridas, trazem uma sensação de leveza, oposto ao drama barroco, por exemplo!



Acima: *Ponte japonesa sobre lagoa das ninfeias*, pintura de Claude Monet no acervo do Museu de Arte de São Paulo. Ao lado: mais duas outras versões da mesma vista, inundada por luzes de diferentes momentos do dia ou de diferentes estações do ano.



Impressão, sol nascente (1872), pintura de Claude Monet (1840-1826) que deu nome ao movimento impressionista por acaso. Ao expor sua obra com outros companheiros no ateliê do fotógrafo Félix Nadar (1820-1910), o também artista Louis Leroy (1812-1885), enviado para cobrir o evento, muito conservador, depreciou a exposição em um artigo intitulado A exibição dos impressionistas, com base no título da obra de Claude Monet. Poucos dias depois, ao defender os artistas, o comentarista Jules Castagnary (1830-1888) usou novamente o termo "impressionistas", dando-lhe conotação positiva e determinando, assim, o nome do movimento.



O impressionismo não teve muita adesão em terras brasileiras, limitando-se a experiências de menor impacto visual de alguns artistas como Georgina de Albuquerque e Eliseu Visconti.



Acima: *Sessão do Conselho de Estado*, pintura da brasileira Georgina de Albuquerque (1885-1962). Georgina deixa-se influenciar pelo impressionismo, mas o resultado corresponde à uma assimilação acadêmica do estilo, que se revela no tema e no enquadramento convencional.



Pós-impressionismo

O Pós-impressionismo não foi um movimento em si, pois não reuniu um grupo de artistas sob um mesmo pensamento ou uma estética similar. O único aspecto que os unia era o legado deixado pelo Impressionismo. O período foi batizado dessa forma por historiadores, para caracterizar a produção artística fértil e diversificada que surgiu após a última exposição impressionista, em 1886, e que não poderia ser enquadrada em nenhum movimento específico.

Os artistas pós-impressionistas tinham formações diferentes, alguns eram autodidatas. Raramente se reuniam, pois além de estarem

dispersos, não compartilhavam das mesmas opiniões e motivações e, por isso, os pintores pós-impressionistas são considerados “solitários”. Foram artistas que se debruçaram sobre suas próprias subjetividades de modo muito particular e livre e, talvez por isso mesmo, tenham rejeitado a inserção em grupos.

De forma similar ao que ocorreu com os impressionistas, os pós-impressionistas foram pouco aceitos no circuito oficial de arte e criaram suas próprias exposições como alternativa. No entanto, a produção desses artistas influenciou fortemente as vanguardas artísticas do início do século XX.

Para termos uma ideia dessa variedade de produções, seguem alguns dos artistas que tornaram o período bastante distinto e pujante na História da Arte:



À esquerda: *Rochedos em L'Estaque* (c.1882), pintura de Paul Cézanne (1839-1906). Cézanne influenciou os artistas cubistas. À direita: obra de Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901), artista que influenciou a área de *design* gráfico.



À esquerda: Edvard Munch (1863-1844), *O grito* (1893). Ao centro: Paul Gauguin (1848-1903), *Mulher segurando fruta* (1893). À direita: Vincent Van Gogh (1853-1890), *O filho do carteiro* (1888). Os três artistas influenciaram os expressionistas.

Expressionismo

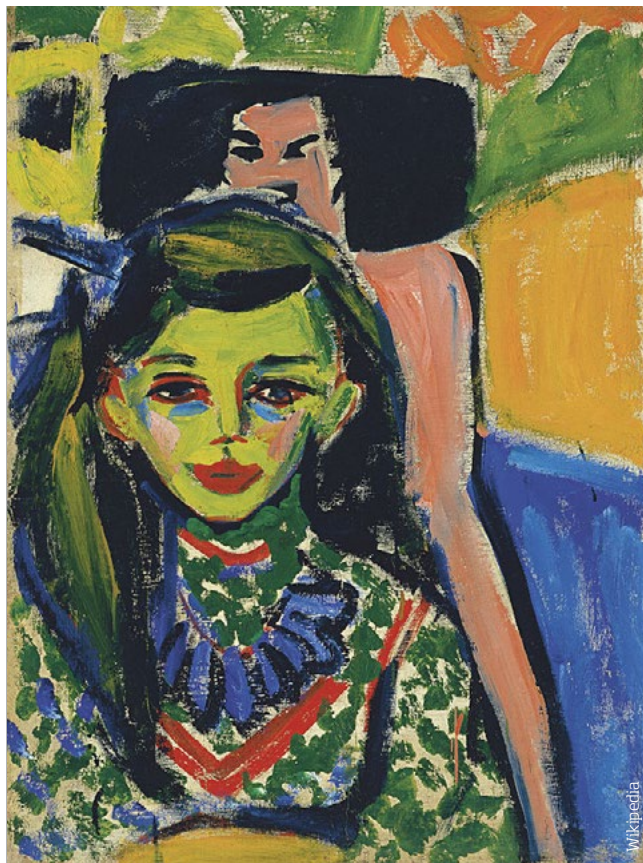
Assim como o Impressionismo, não foram os artistas que nomearam esse movimento de vanguarda. O nome emergiu das resenhas críticas escritas para as primeiras exposições onde foram exibidas um certo estilo de arte que privilegiava a carga expressiva e a espontaneidade, ao invés do acabamento primoroso e da verossimilhança.

O expressionismo não se constituiu como movimento, de fato. Artistas com diferentes formações, vivências e dispersos em diversas localidades estavam desenvolvendo um estilo semelhante, fruto de uma ideia de retorno à espiritualidade, em detrimento do materialismo provocado pela industrialização. Os artistas pregavam um resgate da humanidade do homem, do sagrado, das raízes e tradições populares, com ideias utópicas.

Essa corrente surgiu simultaneamente na França e na Alemanha. A origem comum se baseia numa tendência anti-impressionista, negando seu caráter essencialmente sensorial e superficial. Ambas as vertentes são atraídas por um resgate do impulso primitivo vital, da essência humana em oposição ao progresso desumanizante, alguns artistas optando por denunciar as angústias produzidas pelo sistema, e outros, se inspirando na reconexão entre homem e natureza.

As fontes de inspiração desses artistas percorrem séculos, englobando a arte paleocristã até a Idade Média, a arte primitiva da África e da Oce-

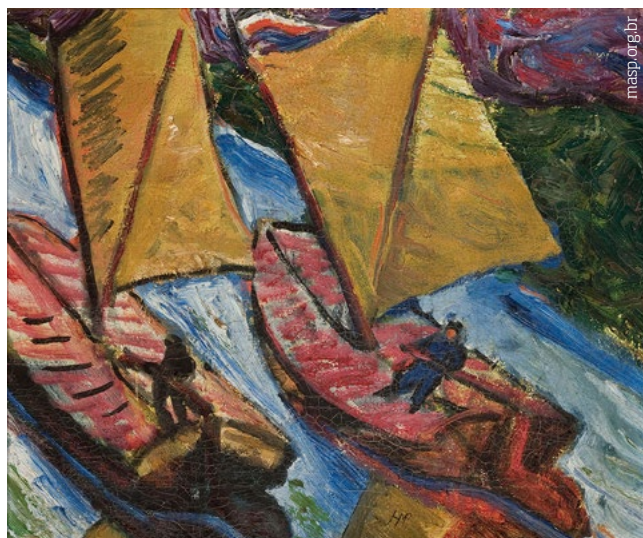
ania, difundida desde finais do século XIX pelos ainda recentes museus etnográficos, o pintor barroco El Greco, que ousou deformar suas figuras já naquela época, e alguns artistas do pós-impressionismo como Paul Gauguin, Vincent Van Gogh e Edvard Munch.



Franzi em frente a cadeira entalhada (1910), pintura do alemão Ernst Ludwig Kirchner (1880-1938).



Xilogravura da alemã Käthe Kollwitz.



Veleiros na tempestade (1910), pintura do alemão Max Pechstein (1881-1955).

Os franceses, conhecidos como fauvistas e os alemães, como expressionistas, tinham em comum a expressão de um vigor primordial da natureza humana. Cores saturadas, fortes contrastes e deformações propositas procuravam refletir a emoção do artista ao desenvolver seu tema. Para isso, outras linguagens artísticas além da pintura mostraram-se eficazes nas mãos dos expressionistas: a xilogravura, a escultura, o cinema, a dança, a literatura, o teatro, a fotografia e até mesmo a música.



ANOTE AÍ!

Fauvistas ou fovistas (do francês *fauvisme*, oriundo de *es fauves*, "as feras") é como foram chamados os não seguidores do cânone impressionista, vigente à época.



Dois fauvistas franceses. Acima: *A Baía de L'Estaque* (1906), de Georges Braque, que depois se tornaria um artista cubista, como veremos adiante. Abaixo: *A alegria de viver* (1905-6), pintura do artista Henri Matisse (1869-1954).



Cinema e Música



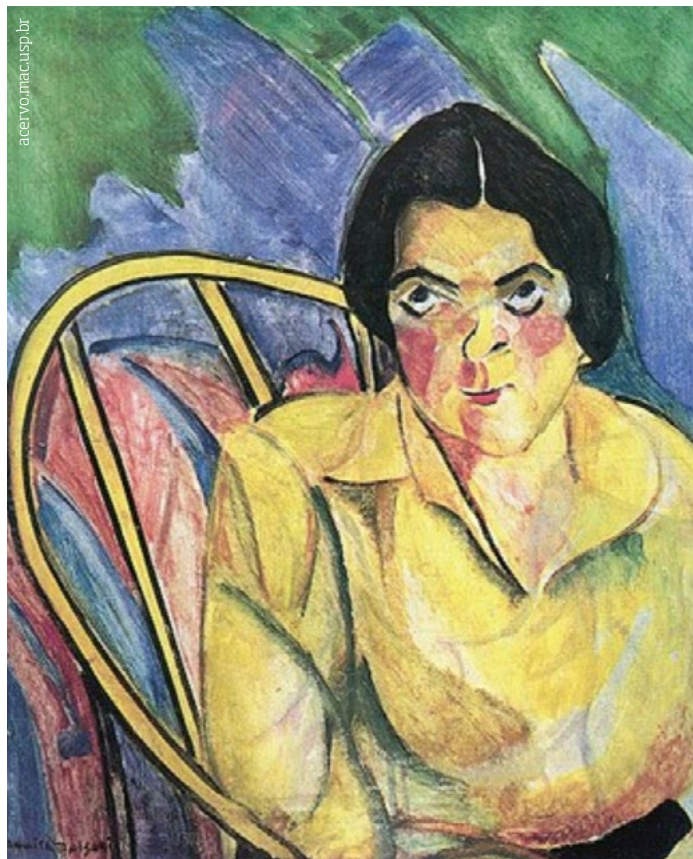
O *Gabinete do Dr. Caligari*, filme expressionista de 1920, de Robert Wiene, você pode assistir na íntegra, legendado em português, [clikando aqui](#).



O compositor austríaco Arnold Schoenberg (1874-1951) é um representante da música desse período. Foi a criador da dodecafonia, um dos mais revolucionários e influentes estilos de composição do século XX. Você pode conhecer uma composição de Schoenberg [clikando aqui](#)!



A liberdade individual era cultuada nessas obras, e privilegiava-se uma visualidade que refletisse o estado psíquico, ou seja, o mundo interior do artista, sentimentos impulsionados pelos novos conceitos de subjetividade apresentados pelo filósofo francês Henri Bergson



(1859-1941) e pelo pai da psicanálise, o austríaco Sigmund Freud (1856-1939). Com a chegada da Primeira Guerra Mundial, o expressionismo adquire traços dramáticos de pessimismo e desesperança, bem diferentes dos impulsos que nutriram as primeiras manifestações.

No Brasil, o expressionismo teve poucos adeptos. Anita Malfatti (1889-1964) estudou arte na Alemanha antes da Primeira Guerra Mundial e aderiu ao Expressionismo. Lasar Segall (1889-1957), artista lituano que estudou arte na Alemanha, participou de grupos ligados ao expressionismo, mas quando chegou ao Brasil, foi abandonando o expressionismo mais puro ao agregar outras influências como o cubismo.



Acima à esquerda: *A boba*, pintura de Anita Malfatti. À direita: *Aldeia russa*, pintura de Lasar Segall.

Cubismo

Dando continuidade à uma ideia vigente nos tempos modernos, os artistas de vanguarda cada vez mais se recusam a ter um compromisso com a aparência real das coisas ao representar o mundo, suas ideias ou emoções, por perceberem que a aparência não abarca toda a complexidade dos fenômenos.

Rejeitando os estilos acadêmicos e as ideias convencionais, esses artistas entendiam que a arte deveria refletir os desafios da vida moderna. Foi esse espírito que conduziu os jovens artistas Pablo Picasso e Georges Braque a lançarem um novo jeito de representar o mundo que iria mudar definitivamente os rumos da arte do século XX, o Cubismo!



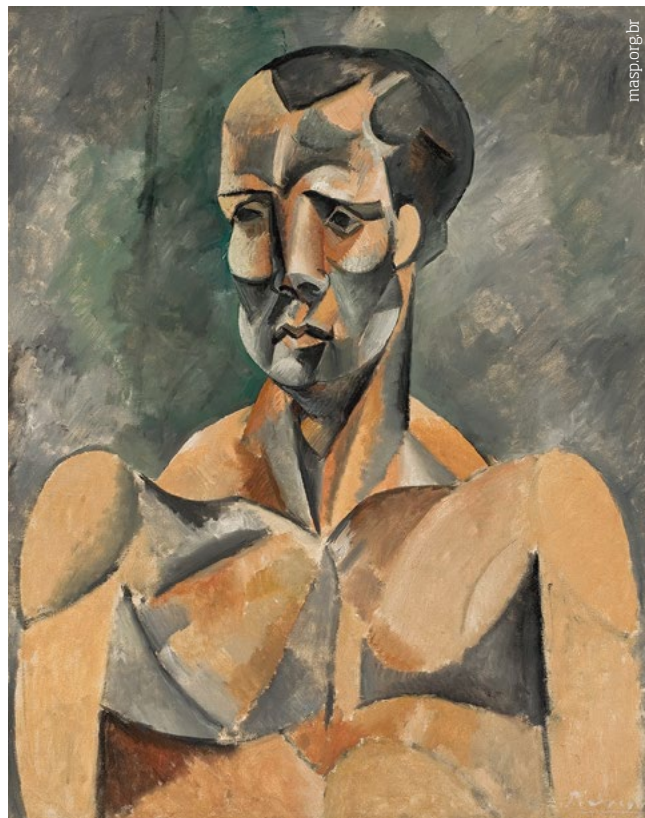
Violão e tigela de frutas sobre a mesa (1918), de Juan Gris.



O artista catalão Pablo Picasso, recém chegado em Paris, e o artista francês envolvido com o movimento fauvista, Georges Braque, se encontravam nesse caldo cultural, quando iniciaram experiências estéticas de rompimento total com a ilusão de profundidade conseguida por meio do artifício da perspectiva.

Inspirados pela pintura modular do pós-impressionista Paul Cézanne, os artistas cubistas se interessaram por aprofundar esse conceito, decupando os objetos, e enfatizar a superfície plana e sem profundidade da tela, evidenciando, para isso, múltiplos pontos de vista da mesma cena compartilhados no mesmo plano, rejeitando os artifícios usados para conseguir a sensação de profundidade. Inspirados pela pintura modular do pós-impressionista Paul Cézanne, os artistas cubistas se interessaram por aprofundar esse conceito, decupando os objetos, e enfatizar a superfície plana e sem profundidade da tela, evidenciando, para isso, múltiplos pontos de vista da mesma cena compartilhados no mesmo plano, rejeitando os artifícios usados para conseguir a sensação de profundidade.

É como se os objetos ou personagens que compõem a pintura fossem desmontados para que o espectador possa ver todas as suas peças.



O atleta (1909), pintura de Pablo Picasso pertencente ao acervo do Museu de Arte de São Paulo - MASP.



Homenagem a J. S. Bach (1912), de Georges Braque.



[Clique aqui](#) para ver a animação a partir de uma fotografia de natureza morta para compreender a lógica de uma obra cubista.



Natureza morta (1914), pequeno objeto construído por Pablo Picasso sob a ótica cubista.





*Eu me pergunto se não devemos pintar as coisas como as conhecemos,
e não como as vemos.*

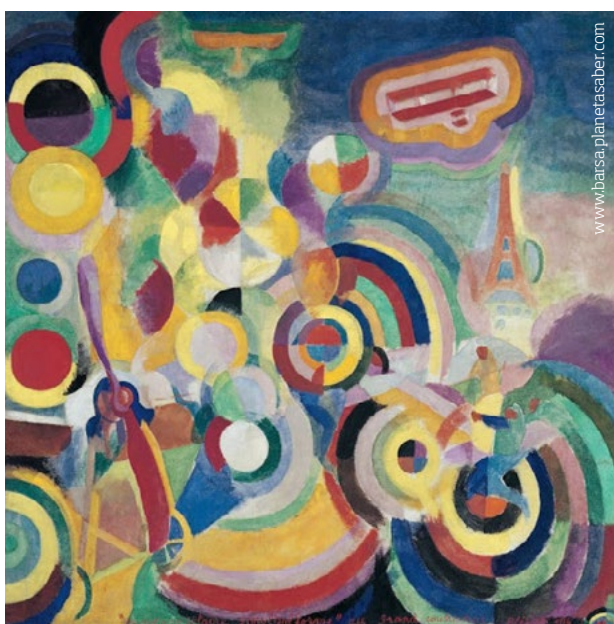
Pablo Picasso (1881-1973)



Enquanto Picasso e Braque focavam na estrutura, na massa, revelando o funcionamento da pintura e evidenciando suas duas dimensões, rompidas apenas pelo acréscimo de objetos reais colados à tela e mostrando sua realidade, outros artistas, como Fernand Léger e o casal Robert e Sonia Delaunay, partiram para outros conceitos dentro do cubismo, privilegiando a cor

e resgatando o espírito fauvista e impressionista dentro do cubismo.

O movimento esteve mobilizado de 1907 a 1914. Porém, permaneceu influenciando outros movimentos artísticos e artistas do mundo todo ao longo de todo o século XX, sendo assimilado e digerido de diversas formas.



À esquerda: *Homenagem à Blériot*, (1914), pintura de Robert Delaunay. Museu de Arte de Basel, Suíça. À direita: pintura abstrata de Sonia Delaunay. Sob a égide do cubismo, foram criadas as primeiras obras abstratas.



À esquerda: *A compoteira de peras* (1923), pintura de Fernand Léger, cujo estilo de cubismo adotado influenciou fortemente o trabalho dos modernistas brasileiros. À direita: *Paisagem Cubista* (1914), pintura de Albert Gleizes (1881-1953), professor de Tarsila do Amaral na França em 1923.



Dadaísmo

Não há como entrar no universo do Surrealismo sem abordar o movimento que o precede, chamado Dadaísmo, que se originou a partir da insatisfação de um grupo de artistas em relação ao cubismo - nessa época já assimilado pelo mercado de arte -, à bestialidade representada pela guerra e ao sistema de arte como um todo.

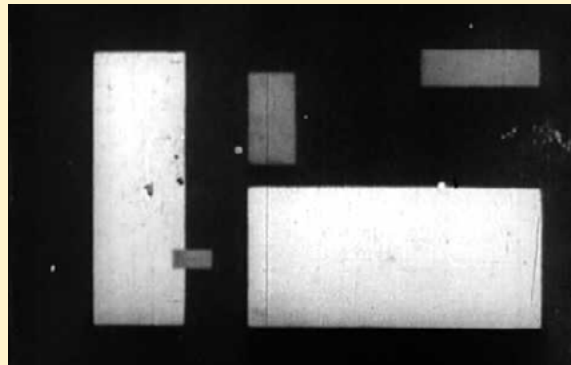
O movimento começou num "boteco" suíço chamado Cabaret Voltaire em 1916, lugar onde se reuniam intelectuais em torno do fundador do movimento, o poeta romeno Tristan Tzara (1896-1963). Assim como o Surrealismo, abraçou diversas linguagens como literatura, teatro, cinema, fotografia e artes visuais.

O Dadaísmo foi contestação e ironia absoluta de todos os valores, inclusive a arte. Negando o sistema de valores, negavam-se a si mesmos como valor, ou seja, renegavam a arte como valor. Para os dadaístas, a verdadeira arte seria uma antiarte.

Renunciaram às técnicas tradicionalmente artísticas e se apropriaram de materiais e técnicas da produção industrial, utilizando-os de forma não

convencional, com o objetivo de provocar estranhamento e contestação dos padrões vigentes.

Clique aqui!



E assista o curta metragem *Ritmo 21* (1921), do dadaísta alemão Hans Richter (1888-1976).

Os dadaístas acreditavam que qualquer pessoa poderia atribuir novos significados a objetos existentes e, dessa forma, subverter sua função, sendo que o gesto em si seria uma atitude artística. Ou seja, qualquer pessoa com liberdade de criar e romper com o círculo das regras sociais, teria uma atitude estética frente ao mundo.

De diferentes formas, os dadaístas se apropriaram de objetos já existentes e os evidenciaram em situações fora de seus contextos funcionais.



Colagem da artista alemã Hannah Höch (1889-1978), a única mulher entre os dadaístas.



Acima, dois objetos dadaístas: à esquerda, a obra *Roda de bicicleta*, do francês Marcel Duchamp. A obra de Duchamp é uma das bases para a construção da arte contemporânea, tanto visual quanto conceitualmente. À direita, *O presente*, do artista multimídia americano Man Ray.



Surrealismo

As vanguardas artísticas surgiram no rastro de um mundo transformado e marcado pelo desenvolvimento industrial, estabelecendo novas relações sociais e políticas. A popularização da energia elétrica, do rádio e da fotografia foram instrumentos revolucionários na transformação da vida cotidiana.

O impacto que a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) causou, especialmente no mundo ocidental, provocou uma necessidade de reestabelecimento da ordem. Agregam-se, a tudo isso, as teorias psicanalíticas de Sigmund Freud, que aos poucos vão ganhando popularidade.

Foi nesse caldeirão que nasceu, em Paris na década de 1920, em pleno período de recuperação pós-guerra, o Surrealismo, buscando um outro sentido para a arte, na tentativa de ordenar a realidade que agora se impõe.

Por meio das artes visuais, da literatura, da fotografia, do teatro e do cinema, os surrealistas buscam transcender a realidade, procurando respaldo na mente inconsciente. A partir da influência das teorias psicanalíticas, pregam o rompimento com o racionalismo, exercitando a espontaneidade para se conectarem com o imaginário e o absurdo, com os sonhos, o delírio, a fantasia e a ausência de lógica.



Escultura *O impossível* (1945), de Maria Martins (1894-1973).



O encontro, pintura da espanhola Remedios Varo (1908-1963), que depois se mudou para o México.



Escultura do artista suíço Alberto Giacometti (1901-1966).

Após romper com o dadaísta Tristan Tzara, o escritor André Breton foi o principal mentor do Surrealismo e, como autor do Manifesto Surrealista, agregou artistas de diversas áreas em torno dele. Porém, o surrealismo não se limitou ao círculo de Breton, atingindo diversos países e continentes, inclusive as américas, onde encontrou eco.

O Surrealismo foi trazido para o Brasil através de pintores brasileiros que sofreram influência de diversas vanguardas, já que viveram em Paris nessa época, como Tarsila do Amaral, Ismael Nery e Maria Martins, sendo que Tarsila é o nome mais conhecido, especialmente por sua fase antropofágica, na qual se inclui a pintura “O Abaporu”, sua obra mais emblemática.

“O surrealismo não é um estilo. É o grito da mente que se volta para si mesma.

Antonin Artaud (1896-1948)



A pintura *Visão interna: agonia* (1931), de Ismael Nery (1900-1934), é um bom exemplo que revela o esforço em representar estados psíquicos na arte.

A escrita automática e o Surrealismo



A escrita automática é o processo de produção textual proposto inicialmente pelos dadaístas e adotado pelos surrealistas para criar textos livres das amarras da consciência, ou seja, para gerar um fluxo de ideias sem a censura do raciocínio.

Por meio da escrita automática, o poeta dentro de cada indivíduo se manifestaria livremente, sem repressão, vencendo a autocensura e deixando aflorar a imaginação criadora.

A escrita automática pode ser usada ainda hoje como forma de desinibir a produção textual e pode ser uma boa aliada do professor para estimular a criação de textos, inclusive como forma de compor coletivamente.



O surrealismo cubista do cubano Wifredo Lam (1902-1982) na pintura *Aurora*, acima à esquerda, e o surrealismo psicanalítico e autobiográfico da mexicana Frida Kahlo (1907-1954) na pintura *Raíces* (1943), à direita.

Abstracionismo

O abstracionismo não foi um movimento nas artes, mas sim, uma tendência adotada por diversos artistas de diferentes movimentos. A busca por formas radicalmente novas de representação das experiências humanas é o reflexo de um período marcado por descobertas científicas, biológicas, psicológicas e novas filosofias.

Para muitos artistas, a representação figurativa passou a ser uma limitação à capacidade de representar as realidades sensíveis e dinâmicas da experiência, principalmente no que diz respeito às experiências espirituais.

Uma arte genuína, na opinião desses artistas, surgia como resposta às exigências da vida interior, um engajamento verdadeiro com a essência do sentimento e dos fenômenos visíveis.

Nutrido com diversas experiências individuais e por diferentes motivações, o abstracionismo manteve-se até hoje enriquecido por diferentes manifestações e estilos, ora privilegiando a própria

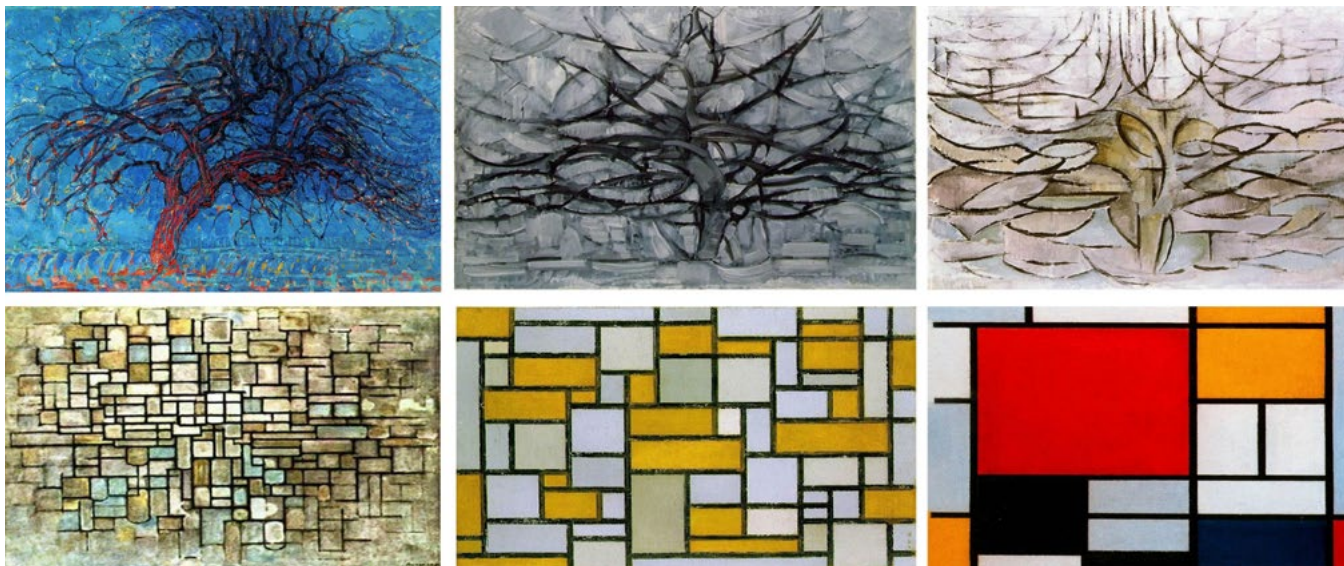
materialidade da arte, ora os aspectos mais subjetivos.

Para o espectador, a leitura dessas obras passa a ser tão individual quanto a própria criação artística nessa vertente. Sem poder ancorar-se em significações culturalmente reconhecíveis, o olhar é conduzido a perceber a realidade, o que há de concreto na obra, como forma, cores, texturas, e a relação entre os elementos compositivos como ritmo, equilíbrio, tensão etc.

Esse conjunto de apreciações impacta cada espectador de uma forma particular, podendo levá-lo a acessar tanto sentimentos bastante subjetivos, quanto um simples deleite pelo visual.

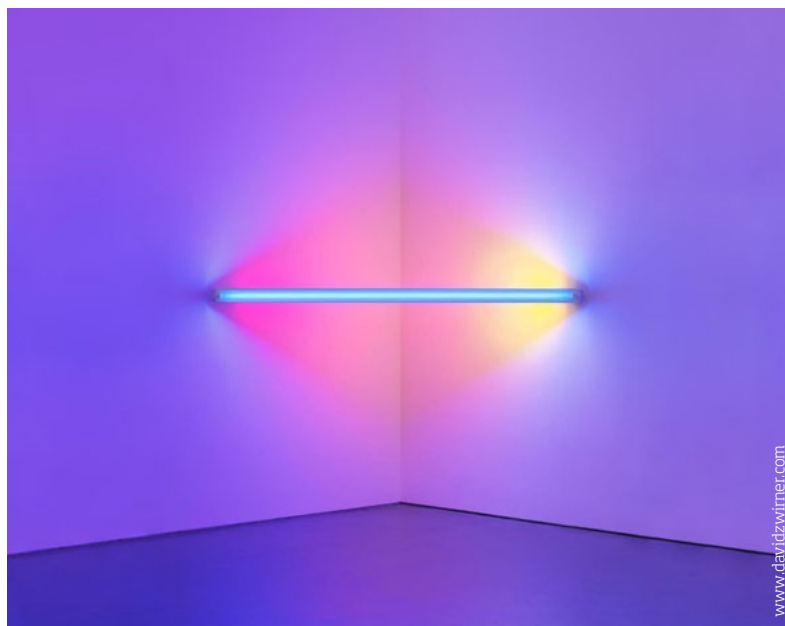


Mobile de Alexander Calder



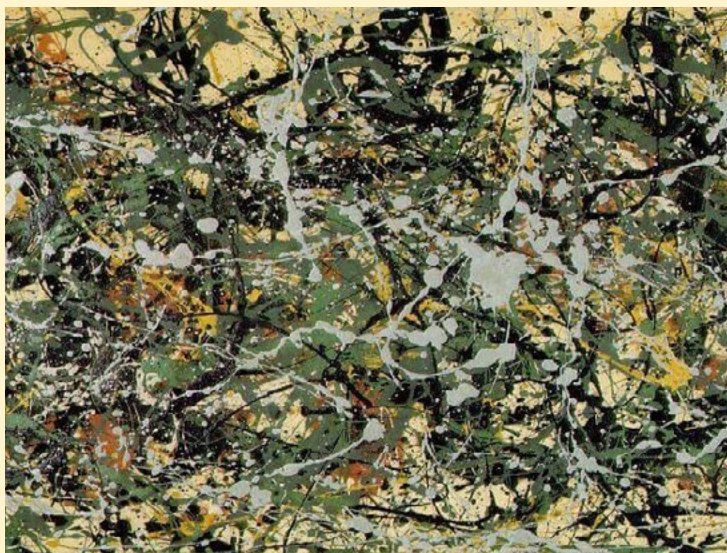
Piet Mondrian (1872-1944), artista holandês, depurou a paisagem até chegar em sua essência: linhas verticais e horizontais e cores primárias. Criou, com isso, o neoplasticismo, que impactou principalmente o desenho industrial e a arquitetura. Para entender seu processo de passagem gradual do figurativo para o abstrato, acompanhe as seis pinturas dispostas em sequência.

A arte abstrata permanece, alimentando também a arte contemporânea. O Minimalismo, por exemplo, representou um conjunto de obras de diversos artistas norte-americanos que, na década de 1960, optaram por realizar abstrações geométricas com materiais industrializados que transformavam o ambiente onde estavam inseridas, ou seja, tornaram-se instalações, uma arte que pretendeu se libertar de qualquer emoção ou subjetividade. Movimento parecido foi realizado por artistas brasileiros nos anos 1950, como veremos adiante.



Três artistas minimalistas: acima, obra de Donald Judd (1928-1994). À esquerda, obra de Dan Flavin (1933-1996). À direita, obra de Sol Lewitt (1928-2007).





O Expressionismo Abstrato foi outra vertente da arte contemporânea que contemplou o abstracionismo. Inspirado no gestual espontâneo do expressionismo alemão, é pautado na livre expressão do inconsciente.

Você pode [clicar aqui](#) e simular com o mouse a técnica de gotejamento sobre tela criada pelo norte-americano Jackson Pollock. Para mudar de cor, é só clicar no *mouse* novamente!

Entreguerras: retorno à ordem

A arte moderna brasileira afinou-se não com as vanguardas artísticas mais radicais, mas com o movimento de retorno à ordem na Europa, que ocorreu no período entreguerras. É nessa fonte que os artistas brasileiros bebem ao aderir ao modernismo, já presente na Europa muito antes da Primeira Guerra Mundial começar em 1914.

De 1918 a 1939, os artistas modernos abandonaram o radicalismo característico das vanguardas, numa mobilização pela ordem e pela reconstrução da Europa. Até mesmo as temáticas greco-romanas, rejeitadas pelas novas vertentes artísticas por serem temas acadêmicos, voltaram a habitar as criações dos mais diversos artistas que, retornando à uma figuração mais naturalista, renderam-se a um modelado que remete às obras clássicas, dentro de um contexto moderno e já estilizado pela ação de duas décadas de experimentalismo.

A partir de 1920, o rótulo “Escola de Paris” foi aplicado a esse grupo amplo e indefinido de pintores que encontrou boa acolhida do mercado e da crítica da época. O naturalismo da figuração é colocado a serviço de temas universais e de referências ao passado clássico. O tema da mater-

nidade, por exemplo, emblemático da representação feminina como sinônimo de fertilidade, é exaustivamente explorado pelos pintores.



Pintura *Leitura* (1924) do francês Fernand Léger (1881-1955), uma das influências de Tarsila do Amaral na Europa, cujo modelado influenciará também artistas como Emiliano Di Cavalcanti e Vicente do Rego Monteiro.

Frequentando assiduamente a Europa pós-primeira guerra, os artistas modernistas brasileiros vão captar exatamente essas influências para, com elas, desenvolver temas brasileiros, o que se revela claramente em suas obras, como veremos a seguir.



Duas obras do período entre guerras. Acima, *Roma* (1922), do espanhol Pablo Picasso (1881-1973). À direita, *A eclipse do sol* (1926), pintura do alemão George Grosz (1893-1959), outra referência importante para os modernistas brasileiros, assume um viés figurativo mais político.



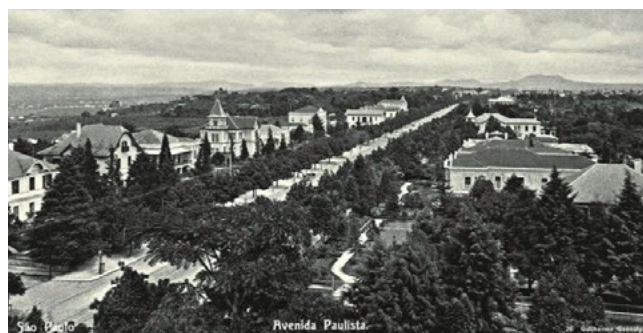
MATERNIDADES



À esquerda, *Mãe com criança na praia* (1921), de Pablo Picasso. Ao centro, *Maternidade* (1935), escultura de Lasar Segall. À direita, obra do brasileiro Emiliano Di Cavalcanti (1897-1976) sobre o mesmo tema.

O modernismo no Brasil

Em torno dos anos 1920, o Brasil era um país ainda essencialmente agrário. Marcado por oligarquias e privilégios coloniais, encontrava-se ainda nos primórdios da sua industrialização, que se deu inicialmente em São Paulo, terra dos barões do café, que havia recebido um grande número de imigrantes, principalmente japoneses e italianos, a fim de substituir o trabalho do negro escravizado.



Avenida Paulista em 1920 em foto de Guilherme Gaensly



É fácil imaginar que São Paulo nessa época tenha sofrido transformações não apenas em seu espaço físico, como também na mentalidade da sociedade que abrigava, uma vez que tão rica e atraindo uma gama tão variada de pessoas, se tenha tornado o centro irradiador político, econômico, social e cultural, formador de novas tendências.

Com os reflexos da Primeira Guerra Mundial, o país atravessava um momento de insatisfação política, com o aumento da inflação, eclodindo greves e protestos. Havia uma pressão por uma reestruturação política, econômica e social, um cenário favorável a mudanças em todos os campos, inclusive o da arte.

Nesse contexto, os primeiros indícios concretos da modernidade internacional foram trazidos por Lasar Segall, que em 1913 realizou uma exposição, e Anita Malfatti que, voltando da Alemanha em 1914, após um período de três anos em contato com o expressionismo alemão e outras vanguardas, realizou exposição, ambos em São Paulo, um ambiente artístico ainda conservador, marcado pela pintura acadêmica.

Anita Malfatti realizou sua segunda exposição na capital paulista em 1917, famosa pela ácida crítica que recebeu do protomodernista Monteiro Lobato em seu artigo “Paranoia ou mistificação?”. Lobato, porta-voz do pensamento acadêmico nas artes plásticas, posicionou-se contra a assimilação dos novos estilos internacionais na constituição de uma arte nacional. No entanto, a academia era o centro oficial de difusão de uma arte predominantemente europeia.

No mesmo ano, em Recife, Manuel Bandeira, publicou seu primeiro livro, “Cinza das Horas”, e Vicente do Rego Monteiro, pintor pernambucano, expôs em São Paulo em 1920, sendo considerado um “futurista” pela crítica.

Estavam estabelecidos os alicerces que colocariam o Brasil na cena internacional, inserindo todas as linguagens artísticas no panorama contemporâneo daquela época.



ANOTE AÍ

Os negros escravizados, recém libertos e sem direito à cidadania, foram marginalizados pela sociedade, o que contribuiu para reforçar o que hoje denominamos racismo estrutural no Brasil.



Acima: *São Paulo* (1924), pintura de Tarsila do Amaral (1886-1973) que reflete a modernização pela qual passava a metrópole. Abaixo: *Samba* (1925), pintura de Di Cavalcanti.





Da esquerda para a direita: *Floresta* (1910), pintura de Lasar Segall; *Retrato de um professor* (1912) e *A mulher de cabelos verdes* (1915), de Anita Malfatti; *Atirador de arco*, de Vicente do Rego Monteiro (1899-1970).

enciclopedia.itaucultural.org.br



Para consolidar o movimento, um grupo de artistas liderados por Mário de Andrade, Graça Aranha e Oswald de Andrade, patrocinado pela elite intelectual e econômica paulista, organizou-se para realizar a Primeira Se-

mana de Arte Moderna no ano de 1922, transformando o emblemático ano do Centenário da Independência em um momento de emancipação artística.

A iniciativa aconteceu no Teatro Municipal de São Paulo, reunindo músicos, bailarinos, escritores e artistas plásticos, além da participação de intelectuais de diversas áreas, que enfrentaram vaías e pouco apoio às novas propostas.

Os artistas tinham o mesmo propósito: produzir uma arte ali-

nhada com as vanguardas internacionais, principalmente com aquelas realizadas no período entreguerras, que consolidasse temas essencialmente brasileiros de uma forma atualizada, privilegiando uma cultura que fosse autenticamente brasileira.



VOCÊ SABIA?

Ao contrário do que muitos imaginam, Tarsila do Amaral não esteve presente na Semana de 22, pois estava se dedicando à sua formação na Europa.

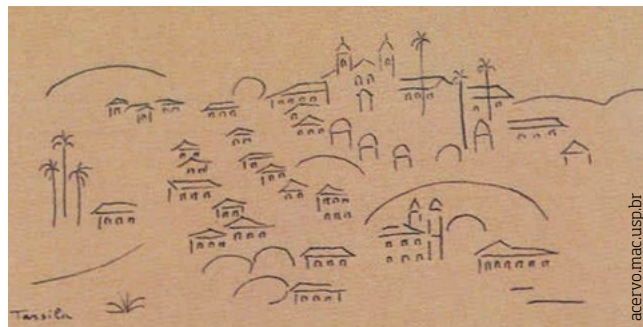
Acima: capa do catálogo da Semana de Arte Moderna, concebida por Di Cavalcanti. Ao lado: *Luta de índios Kalapalo* (1951), escultura de Victor Brecheret (1894-1955).



acervo.mac.usp.br



Para tanto, o grupo modernista buscou conhecer profundamente as tradições populares e étnicas, empreendendo expedições culturais pelo Brasil, nas quais tomaram conhecimento de variadas manifestações culturais para assimilar e processar, concebendo uma produção artística formada pelos três principais componentes da cultura brasileira: o índio, o africano e o português.



Vista de Congonhas do Campo (1924), desenho feito por Tassila do Amaral em uma expedição cultural por Minas Gerais.



Mário de Andrade, o turista aprendiz

Você pode conhecer o diário de viagem de Mário de Andrade intitulado *O turista aprendiz*, em uma edição comentada do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan - disponível em PDF. [Basta clicar aqui!](#) Mário de Andrade foi um dos idealizadores do Iphan.

Os artistas participantes e apoiadores da Semana de 22 encamparam a primeira fase do modernismo. Os desdobramentos da primeira fase culminam com a consolidação do modernismo no Brasil, ou seja, após um período de estranhamento e enfrentamento, os artistas conquistam espaço e público. Músicos como Heitor Villa-Lobos e Guiomar Novaes, escritores como Raul Bopp, Guilherme de Almeida, Jorge de Lima e artistas como Victor Brecheret, Ismael Nery e John Graz, além dos demais já citados acima, lançaram as bases para uma nova fase da arte produzida no Brasil.

Assim, estabeleceu-se uma segunda fase do modernismo a partir de 1930, com a participação de uma nova geração de artistas que convivem e se influenciam pela produção artística da primeira fase, além de uma continuidade da obra dos artistas pioneiros, cujos trabalhos vão se transformando ao longo dos anos. Nesse período, a arquitetura se destaca, com nomes como Oscar Niemeyer, Lina Bo Bardi e Lúcio Costa, após a construção da primeira casa modernista em São Paulo, projeto de autoria de Gregori Warchavchik. Na literatura, Vinícius de Moraes,

Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Clarice Lispector, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, Lygia Fagundes Telles e Guimarães Rosa. Nas artes plásticas, Cândido Portinari, Alfredo Volpi, Oswaldo Goeldi, Bruno Giorgi, Elisabeth Nobile e Alfredo Ceschiatti, entre outros!



Uma das pinturas da famosa série *Os retirantes* (1944), de Cândido Portinari (1903-1962).



O Modernismo brasileiro reverberou pelo país até os anos 1960 e representou mais que um experimentalismo nas artes em todas as suas vertentes, passando a ser uma grande referência cultural, dando início ao reconhecimento de uma cultura essencialmente brasileira, produto das referências formadoras do nosso país.

Os artistas modernistas trouxeram a renovação da linguagem, o gatilho para a liberdade de experimentação. Sobretudo, rompeu com o passado provinciano, tornando-se o primeiro passo para uma ruptura com o colonialismo europeu.



Barco com bandeirinhas e pássaros (1955), pintura do ítalo-brasileiro Alfredo Volpi.

Concretismo e neoconcretismo

O concretismo foi o primeiro movimento rumo à arte contemporânea brasileira que rompeu com a figuração e as temáticas nacionais postuladas pelo modernismo.

Na década de 1950, um grupo de artistas começou a defender uma arte mais universal, pragmática e racional, que incorporasse até mesmo processos matemáticos em sua composição. O resultado surgiu nas artes plásticas e na literatura, com a poesia concreta.

Artistas de São Paulo e Rio de Janeiro interessaram-se por explorar a abstração geométrica usando materiais e tintas industriais e a tecnologia disponível, em uma época de acentuado desenvolvimento industrial em São Paulo. Fundaram grupos para discutir e realizar a nova

vertente artística. Os paulistas pertenciam ao Grupo Ruptura e os cariocas, ao Grupo Frente. O concretismo e o neoconcretismo influenciaram diversas áreas da criação no Brasil, incluindo o desenho industrial, a publicidade, a música e a arquitetura.

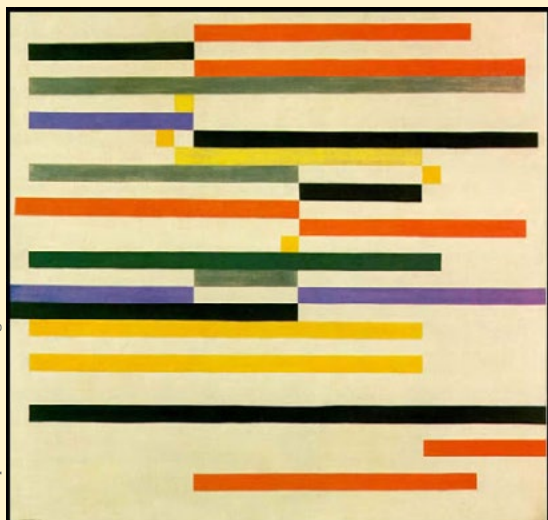


Ao lado: poema *Velocidade* de Ronaldo Azeredo (1937-2006). Abaixo, da esquerda para a direita: *Formas*, de Ivan Serpa (1923-1973) e *Abstrato* (1967), de Judith Lauand (1922-2022).



Grupo Ruptura

Os paulistas do Grupo Ruptura eram bastante rigorosos em relação às suas premissas para a constituição do Concretismo e sustentavam que a subjetividade era algo a ser extirpado da obra de arte, sendo substituída pela racionalidade.



enciclopedia.itaucultural.org.br

Acima: pintura *Movimento* (1951), de Waldemar Cordeiro (1925-1973), fundador do Grupo Ruptura. Abaixo: fotografia da série *Fotoformas* (1949), de Geraldo de Barros (1923-1998), que atuou no grupo paulista contribuindo em diversas linguagens.



enciclopedia.itaucultural.org.br

Grupo Frente

Os concretistas cariocas, com o passar do tempo, sentiram a necessidade de experimentação para além dos dogmas do grupo paulista. Foi então que, em 1959, romperam com o Concretismo, lançando o Manifesto Neoconcreto, escrito pelo poeta Ferreira Gullar. O Neoconcretismo renega a racionalização exacerbada do Grupo Ruptura, acolhendo a intuição e a subjetividade na produção artística que vai, sucessivamente, partindo para experimentações mais audaciosas e conceituais.

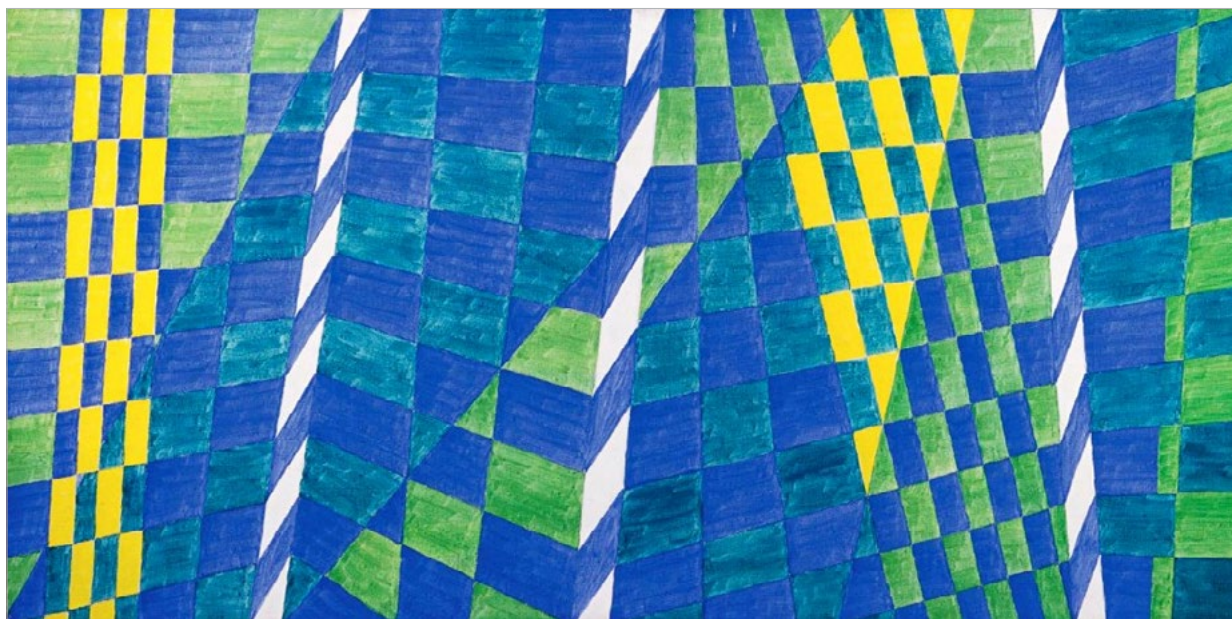


www.culturagenial.com

Acima: *Parangolé* (década de 1960), vestimentas criadas por Hélio Oiticica (1937-1980) a partir das formas geométricas coloridas que, saindo do papel, ganharam o espaço até serem animadas pelas pessoas que as vestem. Abaixo: escultura maleável de borracha da série *Trepantes* (década de 1960), de Lygia Clark (1920-1988).



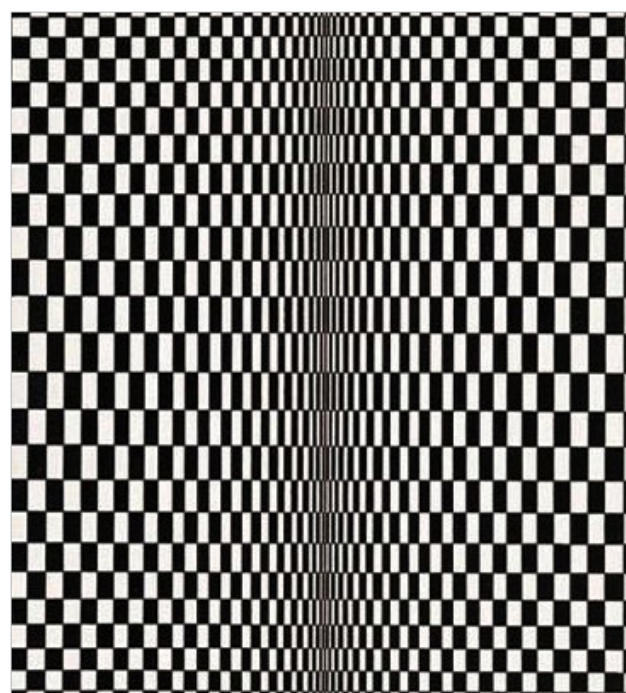
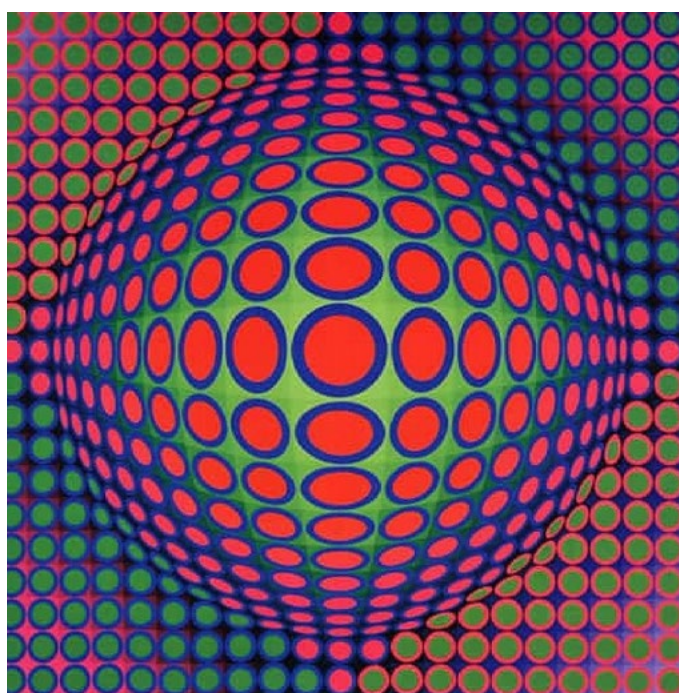
casavogue.globo.com



enciclopedia.itaucultural.org.br

Alfredo Volpi (1896-1988), italiano de nascença e sediado em São Paulo, iniciou uma fase geométrica em seus trabalhos a partir dos anos 1940, no entanto, sem se filiar a nenhum movimento. Tendo sua obra descoberta pelos artistas concretos, passou a ser uma referência para o movimento, embora não tenha mudado sua poética em função da arte concreta.

Dentro do espectro da arte concreta e neoconcreta, podemos identificar uma manifestação chamada de **Op Art**, contração de *Optical Art*, que significa *arte ótica*. A *Op Art* brinca com o olhar do espectador, criando ilusões de ótica. O criador da *Op Art* foi o húngaro Victor Vasarely (abaixo, à esquerda) e aqui no Brasil, um de seus representantes foi o concretista paulista Luiz Sacilotto (abaixo, à direita).



Arte Contemporânea

O período contemporâneo ou pós-moderno teve seu início após a Segunda Guerra Mundial e o Modernismo, uma época marcada pela velocidade dos acontecimentos, pela efemeridade presente no cotidiano.

O pano de fundo foi o grande conflito ideológico entre Estados Unidos e União Soviética, duas grandes potências que se polarizaram estabelecendo a Guerra Fria. Novas guerras foram empreendidas nessa disputa de poder, além da concorrência pela supremacia na América Latina, fazendo com que surgissem diversas ditaduras.

No campo da tecnologia e da ciência, houve grandes saltos, e o ser humano chegou à lua. Com o avanço desenfreado do capitalismo, muitos danos foram causados ao planeta, fazendo surgir a consciência ecológica, a necessidade de cuidado com o meio ambiente e o consequente reaproveitamento de materiais.

Foi nesse cenário que, a partir da década de 1950, o Modernismo começou a entrar em crise. Novos questionamentos em relação à própria noção de arte põem em xeque as diversas doutrinas modernistas. Uma ideia de que a arte não deve ser apenas uma peça a ser contemplada e cultuada emerge, dando margem a criações que se apropriam de materiais banais, não pertencentes à tradição artística.

A Arte Contemporânea surge rompendo com a mentalidade artística moderna, tendo como características a prevalência do conceito sobre a forma e a priorização da atitude e da ideia provocadora, a diversidade de linguagens que procuram articular-se entre si, e uma grande liberdade de manifestação. O objeto final não é mais o que mais importa ao processo. A Arte Contemporânea reflete e discute a arte, não o objeto em si, e isso está presente em toda as suas expressões, seja na pintura, dança, música, literatura, moda, fotografia, pintura, escultura, videoarte, nas instalações, nas performances, nos *happenings*, no teatro ou no cinema.

“

O artista não se sente mais limitado por uma forma, matéria, dimensão ou lugar.

Gregoire Muller (1947)
artista e escritor suíço

”

As temáticas abrangem toda a diversidade de questões contemporâneas, acompanhando, como em todas as épocas, os ditames impostos pela situação política, econômica e social que, por sua vez, têm ligação com os avanços intelectual e científico das sociedades inseridas nesse espaço de tempo.

A interatividade das obras, a aproximação com a cultura popular, o uso de novas tecnologias, mídias e diferentes materiais para a produção artística, a junção de variados estilos artísticos, a liberdade e a efemeridade, o ser humano e o ambiente, a fusão da arte com a vida formam o extenso e volumoso painel que é a Arte Contemporânea.

*“Para que usar materiais nobres se não estou fazendo arte para o futuro?
O presente exige materiais precários.”*

Alberto Burri (1915-1995)
artista italiano



Série Combustões (1966), técnica mista com plástico.



Linguagens da Arte Contemporânea

Assemblagem

É a colagem de objetos e materiais tridimensionais. A assemblagem é baseada no princípio de que todo e qualquer material pode ser incorporado a uma obra de arte, produzindo novos sentidos a partir da associação de significado entre esses objetos.



À esquerda: em 1923 o artista alemão Kurt Schwitters (1887-1948), o dadaísta, já fazia assemblagens como esta. À direita: o artista brasileiro Farnese de Andrade (1926-1996) se destacou fazendo assemblagens como a *Maleta*, de 1981.

Instalação

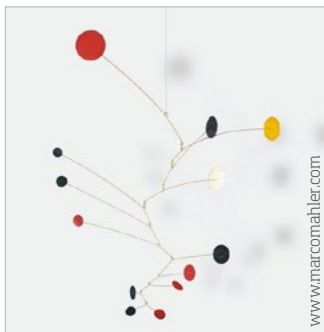
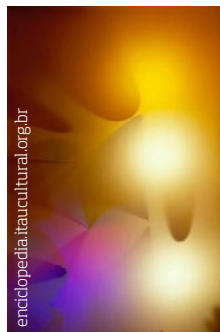
É uma obra tridimensional que domina o ambiente onde está instalada, mudando a percepção que o espectador tem daquele espaço. O observador, diante da instalação, fica envolvido física e subjetivamente com a obra, muitas vezes, imerso dentro dela.



À esquerda: instalação *Plasmático*, do brasileiro José Ruffino (1965), que utilizou carimbos, móveis antigos de escritório e desenho na sua concepção. À direita: a instalação *Contando memórias*, da artista japonesa Chiharu Shiota (1972).

Arte Cinética

É qualquer arte que tenha mecanismos autônomos ou mecânicos de movimento, sendo que a obra só estará completa para a apreciação do espectador se estiver se movimentando.



À esquerda: aparelho cinemático acionado com motor, do artista brasileiro neoconcretista Abraham Palatnik (1928-2020). À direita: o móbile do artista norte-americano Alexander Calder (1898-1976) se move ao sabor do vento.

Happening

É um evento artístico efêmero e inesperado para os espectadores, onde o artista interage com o público de forma improvisada e espontânea.



À esquerda: happening *Fluidos*, do artista norte-americano Allan Kaprow (1927-2006). À direita: happening do artista brasileiro Flávio de Carvalho (1899-1973), desfilando pelas ruas de São Paulo em 1956 com sua sugestão de traje de verão para homens.

Performance

na performance, o artista se apresenta de forma previamente definida, mas também pode interagir com o público se essa for sua intenção. Porém, é menos espontânea e repentina que o happening. A performance compreende uma boa dose de artes cênicas, pois o artista é a chave da apresentação.



Acima: performance *Trilhas do Corpo: sinal de sangue No 2*, da artista cubana Ana Mendieta (1948-1985). Você pode assistir a primeira performance realizada em 1974, [clique aqui!](#) Abaixo: A artista está presente, performance da artista sérvia Marina Abramovic (1948) que esteve em cartaz no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque em 2010 e gerou um documentário.



A arte contemporânea permite a multidisciplinaridade, recusando barreiras rígidas e intransponíveis entre as diversas linguagens e procedimentos não artísticos. Ao longo das décadas, a arte contemporânea contou com diversos movimentos, manifestações e escolas vanguardistas que fizeram uso de variadas linguagens e meios, em constante experimentação de novas técnicas e suportes para a criação. Todos eles ainda são referências constantes na arte atual. Vamos conhecer algumas delas:

Arte conceitual

Quem plantou as primeiras sementes da arte conceitual foi o francês Marcel Duchamp, ainda no início do século XX. Essa vertente apresenta forte caráter experimental e privilegia a ideia e a ação do artista, e não a obra como produto final, uma atitude que também combate a arte como produto de consumo da elite. A arte conceitual pode se manifestar em qualquer linguagem, artística ou não.



À esquerda: *O silêncio* - Ingmar Bergman (1973), obra do artista alemão Joseph Beuys (1921-1986); ao centro e à direita: Projeto Cédula da série *Inserções em circuitos ideológicos: Projeto Cédula* (1970-1975), do artista brasileiro Cildo Meireles (1948). São trabalhos que exigem do espectador uma leitura mais reflexiva e proativa.

Fotografia

A fotografia é ou não é arte? Essa é uma questão frequente no mundo das artes. Porém, é cada vez mais comum que artistas utilizem a linguagem da fotografia para se expressar. Os vários gêneros fotográficos podem coexistir tranquilamente, há espaço para todos os tipos de expressão fotográfica. Além disso, a pintura sempre foi referência para a construção da imagem fotográfica.



Da esquerda para a direita: a britânica Julia Margaret Cameron (1815-1879) já havia elevado a fotografia ao status de arte na segunda metade do século XIX. A foto, intitulada *O beijo da paz*, foi feita em 1869; *Composição com figura* (c. 1950), foto de Eduardo Salvatore (1914-2006), que atuou no Foto Cine Clube Bandeirante, pioneiro na fotografia artística experimental; fotografia de Francesca Woodman (1958-1981), artista norte-americana que explorava uma temática altamente subjetiva.



Arte Pop

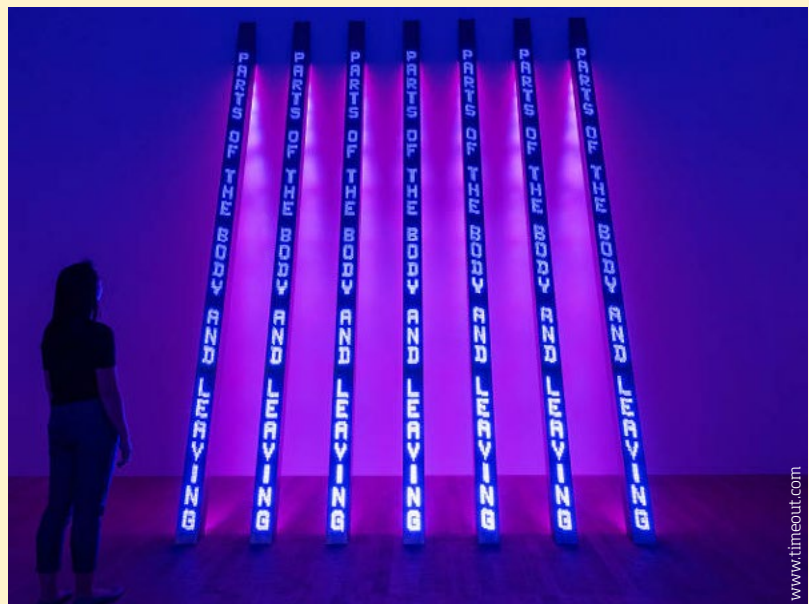
Iniciando-se na década de 1950, na Inglaterra, é um segmento da arte que se apropria da linguagem e dos ícones da cultura de massa como crítica à sociedade de consumo, de forma irônica. Um dos artistas mais conhecidos foi Andy Warhol, aquele que disse que, no futuro, todos teriam seus 15 minutos de fama. No Brasil, a arte pop teve um viés mais politizado, pois coincidiu com o período da ditadura militar.



Da esquerda para a direita: Marilyn Monroe, do artista norte-americano Andy Warhol (1928-1987); no Brasil, as obras de arte pop coincidiram com o período da ditadura militar e a temática política foi incorporada na obra *Recortes*, de Antonio Dias (1944-2018) e na obra *Não há vagas* (1965), de Rubens Gerchman (1942-2008).

Arte digital

Considera-se arte digital qualquer manifestação artística produzida através de meios eletrônicos, como o uso de aplicativos que permitem a criação, a edição e outras modificações dentro do ambiente virtual. As artes digitais se dividem em várias categorias, entre elas, a *web art*, as pinturas, modelagens, fotografias, animações e vídeos digitais. Os resultados podem ser impressos em um suporte 2D ou objeto 3D, ou serem vistos no próprio ambiente de criação. Hoje em dia, arquivos de arte digital virtuais são comercializados da mesma forma que obras de arte reais.



À esquerda: um dos pioneiros da arte digital brasileira, Waldemar Cordeiro, usou o computador e a impressora matricial para criar imagens. À direita: O trabalho da norte-americana Jenny Holzer, que trabalha com painéis digitais e projeções.



Arte ambiente

Alguns artistas optaram por realizar obras que se relacionam intensamente com o ambiente o ambiente natural. Algumas destas obras são monumentais e, geralmente, efêmeras. Se o espectador não se deslocar até as obras, só poderá apreciá-las por meio de fotos ou vídeos.



À esquerda: o norte-americano Robert Smithson (1938-1973) concebeu seu *Cais espiralado* em 1970. À direita, duas obras do britânico Andy Goldsworthy (1956), que explora a potencialidade dos materiais naturais do local onde vive.

O IBS já realizou oficinas de arte ambiente no Pará e em Minas Gerais, conectando conceitos de Educação Ambiental e Artes Visuais.



Oficina de Arte Ambiente para professores de Primavera, Pará, em 2011.

Arte postal

É uma modalidade artística que privilegia o intercâmbio entre artistas do mundo inteiro por meio de trocas de trabalhos via correio. Iniciada em torno de 1960, teve seu ápice entre 1970 e 1980, mas ainda conta com membros ativos! Em 2013, o Instituto Brasil Solidário lançou um edital de arte postal com o tema "União", que mobilizou escolas parceiras e artistas do mundo inteiro. Todas as artes postais recebidas foram expostas em Lençóis, Bahia, durante o II Encontro Nacional do IBS!



Da esquerda para a direita: arte postal do artista brasileiro Paulo Bruscky (1949); dois trabalhos recebidos para o Projeto de Arte Postal União: de Gabriela Aires, de Cabaceiras, Paraíba, e de Sharmila Aravind, da Índia.

Videoarte

É a expressão artística que se utiliza da tecnologia e da linguagem do vídeo. Você vai poder dominar melhor essas técnicas ao trocar conhecimentos com quem faz a formação de Educomunicação!



Da esquerda para a direita: *Domingo*, de Rivane Neuenschwander and Sergio Neuenschwander, [clique aqui](#). Vídeo produzido para a videoinstalação *Das avós*, de Rosana Paulino, [clique aqui](#). *Sopro*, de Cao Guimarães, [clique aqui](#).

Arte de rua ou Street Art

Urbana por excelência, a arte de rua é considerada o símbolo da democratização da arte. Pública e acessível, vai contra a instituição das galerias e instiga o olhar do espectador com temas críticos sobre a sociedade. Dentro dessa categoria, podemos contemplar o graffiti nas artes visuais, a *street dance*, na dança e a cultura *hip hop*, que engloba música, dança e disputas de versos o que, atualmente, é conhecido como *slam*.



À esquerda: graffiti do misterioso artista britânico Banksy (1973). À direita: graffiti do brasileiro Onesto (1972).

O IBS tem uma proposta de transformação do ambiente escolar, convocando a participação de alunos e professores na criação de pinturas murais coletivas.

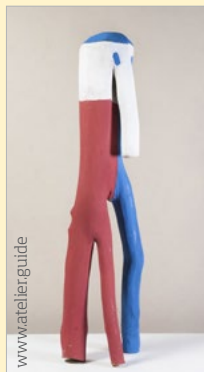


Pinturas murais executadas coletivamente em dois municípios cearenses: Cascavel, à esquerda, e Caucaia, à direita, sob a coordenação de Rociania Barreto Cavalcante.



Arte Naïf ou arte popular

Naïf é uma palavra francesa que significa “ingênuo” ou “inocente” e denomina um tipo de arte feita por quem não teve ensino formal em arte, seguindo sua própria intuição e buscando aprendizado conforme suas necessidades. Seu fazer artístico é espontâneo e, geralmente, usa os materiais que estão disponíveis na sua região. A arte popular manifesta-se em todas as áreas da cultura.



À esquerda e ao centro, duas esculturas do artista sergipano Vêio (1947), que se apropria do formato de galhos e troncos para criar suas obras. À direita, pintura *Colheita*, da artista mineira Maria Auxiliadora (1935-1974).

Atualmente, as maiores vitrines da arte contemporânea são as bienais internacionais que reúnem artistas de todo mundo, dando destaque ao que está sendo produzido nesse âmbito, como por exemplo, a Bienal Internacional de Arte de São Paulo.

Apesar de ter nascido num movimento de negação ao usufruto elitizado da arte, a arte contemporânea foi assimilada pelo mercado das galerias, gerando uma série de produtos ainda inacessíveis ao grande público. Porém, muitos

artistas continuam lutando para que a arte não seja um privilégio das elites.

A arte contemporânea ainda causa estranhamento na maior parte do público por permitir qualquer tipo de experimentação e linguagem, fugindo do que há de mais tradicional e introjetado no imaginário coletivo. Porém, é a arte que traz os questionamentos do mundo atual, do ser humano atual, colocando em discussão suas angústias, suas escolhas, sua sociedade, enfim, seu universo.



Visitante em exposição de Amélia Toledo, na Galeria do Sesi (1999), São Paulo



Referências bibliográficas

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARTE Brasileira na Pinacoteca do Estado de São Paulo: do século XIX aos anos 1940. PALHARES, Taísa H. P. (Org.). São Paulo: Cosac Naify/Imprensa Oficial/Pinacoteca, 2009.

BATCHELOR, David. *Minimalismo*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

BEHR, Shulamith. *Expressionismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

BRADLEY, Fiona. *Surrealismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

COTTINGTON, David. *Cubismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

FARIAS, Agnaldo. *Arte brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2002. Coleção Folha explica.

FARTHING, Stephen. *Tudo sobre arte*. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

GOODING, Mel. *Arte abstrata*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

GULLAR, Ferreira. *Argumentação contra a morte da arte*. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

HAUTECOEUR, Louis. *História geral da arte: da natureza à abstração*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964. Tomo III.

LUCAS, Constança M. Lima de Almeida. *Superdicas sobre arte*. São Paulo: Saraiva, 2015.

Referências na Internet

ALENCAR, Valéria. *O uso das imagens na construção de uma educação decolonial*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=ntpGCT3bRwg&feature=youtu.be> . Acesso em: 07/12/2020.

CANO, Wilson. *Da década de 1920 à de 1930: transição rumo à crise e à industrialização no Brasil*. Revista Economia. Brasília (DF). Setembro/Dezembro 2012. Disponível em: <www.anpec.org.br/revista/vol13/vol13n3bp897_916.pdf> . Acesso em: 30/11/2020.

CHIARELLI, Tadeu. *A Caipirinha e o Francês: Tarsila do Amaral e a devoração da modernidade via Fernand Léger*. Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/opiniao/conversa-de-barr/a-caipirinha-e-o-frances-tarsila-do-amaral-e-a-devoracao-da-modernidade-via-fernand-leger>> . Acesso em: 24/11/2020.

COHEN, Alina. *The radical legacy of Hannah Höch, one of the only female Dadaists*. Disponível em: <www.artsy.net/article/artsy-editorial-radical-legacy-hannah-hoch-one-female-dadaists> . Acesso em: 24/11/2020.



CUBISM, overview from Phil Hansen. Philinthecircle. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=DSZMlfm1LnQ> . Acesso em: 16/11/2020.

DILLON, Brian. *Hannah Höch: art's original punk*. Disponível em: <www.theguardian.com/artanddesign/2014/jan/09/hannah-hoch-art-punk-whitechapel> . Acesso em: 24/11/2020.



EDUCA+BRASIL. *Arte digital*. Disponível em: <www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/arte-digital> . Acesso em: 02/07/2021.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br>> . Acesso em: 31/07/2020.

IANELLI, Arcângelo. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=BB8ne6ioMww&feature=emb_logo> . Acesso em: 24/11/2020.

INSTITUTO Fayga Ostrower. Disponível em: <<https://faygaostrower.org.br>> . Acesso em: 13/11/2020.

MUSEU de Arte de São Paulo. Disponível em: <www.masp.org.br> . Acesso em: 13/11/2020.

MUSEU Marmottan Monet. Disponível em: <www.marmottan.fr/notice/4014> . Acesso em: 28/08/2020.

NATIONALGALERIE. Staatliche Museen zu Berlin. Disponível em: <www.kaprowinberlin.smb.museum/en> . Acesso em: 06/12/2020.

PABLO Picasso and the new language of Cubism. Smarthistory. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=GRTsMJNCHFw> . Acesso em: 16/11/2020.

PICTURING the Americas. Disponível em: <<https://picturingtheamericas.org>> . Acesso em: 02/12/2020.

TODA Matéria. Disponível em: <www.todamateria.com.br> . Acesso em: 07/12/2020.

WARBURG. Banco comparativo de imagens. Disponível em: <<http://warburg.chaa-unicamp.com.br/obras/index/B>> . Acesso em: 07/12/2020.

WHAT is Cubism? Art Movements & Styles. Nationalgalleries. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=V6ZT1705Slw> . Acesso em: 16/11/2020.

WIKIART. Enciclopédia de Artes Visuais. Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt>> .

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>> .



Atividade de Arte Ambiente em Minas Gerais

Agradecimentos



Arte Postal União - Igor Farias

Ana Maria de Matos Viegas

Carmélia Menezes

Marcelo Alexandre Seixas

Marly Porto

Norma Mabilon

Taciane Motta Marconato

Zenaide Campos Farias



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados



Instituto
**BRASIL
SOLIDÁRIO**

INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO - IBS
www.brasilsolidario.org.br